

ECC
Estudos de
Comunicação
e Cultura

Art,
Culture and
Citizenship

Literatura, Artes e Religião

Ensaaios sobre Santidade

Maria do Rosário Lupi Bello e Suzie Marra [coord.]



Índice

Prefácio	7
Retratos e emergência do conceito de «santidade» na literatura internacional	
Remédio e antídoto: visão e santidade em Flannery O'Connor Joana Corrêa Monteiro	12
Sanctity and the Mundane Alberto Arruda	24
Santo António na escrita de Agustina Bessa-Luís Suzie Marra	38
Tempo, literatura e santidade na obra de Jorge Luis Borges Gerson Tenório dos Santos	49
Figuras de santos guerreiros na literatura – A retomada da tradição em <i>A hora e vez de Augusto Matraga</i> , de Guimarães Rosa Lucas Matteocci Lopes, Paulo César Carneiro Lopes	62
Entre plenitude e escassez: ascese poética e discurso hagiográfico em Paulo Leminski Fábio Roberto Lucas	73
Formas de visibilidade da «santidade» na televisão e no cinema	
El <i>quiasmo</i> fílmico de la santidad en <i>A Rainha e a Bastarda</i> Caterina Cucinotta, Jesús Ramé	88

«A Minha Olivia»: a pessoa como narrativa de amor em <i>Fringe</i> Maria Pacheco de Amorim	106
<i>Ordet</i> , de Carl Dreyer – a figura de Inger como ícone de santidade mariana Maria do Rosário Lupi Bello	124
Quando as artes plásticas testemunham um valor como a «santidade»	
<i>David</i> ou o afrontamento humano Ricardo Roque Martins	133
Lugares santos sobre a arquitectura de iGREJAS Pedro Marques de Abreu	146
<i>Deus se fez homem para que o homem se torne divino:</i> a santidade na antropologia da comunhão na arte do ícone da <i>Anastasis</i> Wilma Steagall De Tommaso	164
Exemplos canónicos e místicos da santidade	
Santa Dulce dos Pobres: como falar de amor. Duas propriedades fundamentais da santidade Andrei Venturini Martins	176
Canonização e veneração dos santos: história e processo Leandro Bachega	187
A experiência mística no solo da experiência da santidade Maria José Caldeira do Amaral	199
Posfácio Entrevista a Costantino Esposito	212

Prefácio¹

É famosa a pergunta que Dostoievsky escreveu repetidas vezes, nos seus rascunhos para *Os Demónios*, considerando-a urgente e colocando-a na boca da personagem «Príncipe», que na versão final viria a dar corpo a Nikolai Stavróguin: «Pode alguém civilizado, isto é, um europeu, acreditar, acreditar sem reservas, na natureza divina de Jesus Cristo, o filho de Deus?» Idêntica pergunta subjaz a este volume: pode o homem contemporâneo, o homem culto de hoje, acreditar num valor como a santidade, isto é, na possibilidade real de que a sua própria vida se cumpra plenamente, em resposta ao desígnio divino, cuja visibilidade se pode encontrar na figura do Deus encarnado, Jesus Cristo?

A santidade na tradição bíblica e, portanto, no universo judaico-cristão, está centrada na relação entre o ser humano e Deus, podendo a bíblia hebraica ser lida como um contrato entre Deus e o povo de Israel. A fé cristã considera a santificação um estado próximo da santidade do próprio Deus, resultante do reconhecimento, por parte do homem, da dependência do Mistério, ou seja, da percepção de que o eu não se faz por si mesmo e de que aquilo que a cada um acontece é o lugar e o espaço onde o mistério divino se revela de forma pessoal. Dessa forma, a santidade será o reconhecimento das circunstâncias como possibilidade de relação com Deus e, portanto, como caminho guiado pela relação amorosa com o Deus que se fez carne, encontrado no tecido da própria existência.

Por ocasião de uma apresentação recente na Universidade Católica Portuguesa, o cardeal Tolentino Mendonça sublinhou, numa linha idêntica à de Luigi Giussani, autor de *Educar é um risco*, a importância da aceitação do risco como condição da existência, bem como a necessidade de partir dos recursos fundamentais para enfrentar o futuro, nomeadamente no âmbito da universidade enquanto espaço de liberdade e de busca comunitária do saber: o valor

¹ Por opção das autoras este texto não segue o acordo ortográfico em vigor.

relacional da pessoa humana, a possibilidade do espanto perante o mistério (o qual nem a ciência tem condições de recusar), o reconhecimento da própria fragilidade e a importância da ousadia e da esperança como horizontes para o estabelecimento de novas fronteiras do conhecimento, onde fé e razão se encontram e cooperam.

Enquanto consciência da realidade segundo todos os seus factores, a razão, interessada na identificação do mistério presente no real, reconhece o valor existencial da escolha de um caminho específico, vivido como forma de santificação pessoal no âmbito comunitário, ou, no caso particular da vocação mística, de acordo com o conhecimento profundo dos textos sagrados e dos estudos bíblicos. O romeno Mircea Eliade, cientista das religiões e filósofo, diz que o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta de forma distinta do profano, o que significa que uma realidade diferente e misteriosa se apresenta com traços identificáveis, dentro do próprio real, possibilitando o seu reconhecimento e a conseqüente adesão, supremo exercício da liberdade humana.

A civilização ocidental, fundada num caldo de matriz religiosa no qual se encontram implícitos valores tão fundamentais quanto a liberdade, a pureza ou a ausência de pecado, as virtudes, a exigência de verdade, justiça, beleza, amor, emerge como tecido cultural valioso, passível de exploração contínua, num movimento de permanente aprofundamento e descoberta. São algumas das principais artérias desse caldo cultural que estarão vertidas no coração deste volume temático sobre a santidade, através das palavras dos ensaístas que, numa base de verdadeira multidisciplinaridade – ou seja, através de contribuições e perspectivas específicas que favorecem a potenciação do todo –, procurarão fazer emergir essas particulares dimensões do sentido religioso do ser humano nas múltiplas formas, estéticas e reflexivas, que se exprimem na literatura, no pensamento e nas artes da cultura ocidental.

O objetivo do volume não será tanto o de levar a uma possível definição de «santidade» – até porque não se está no território da teologia *stricto sensu* – mas sim de, através da visibilidade das várias representações estético-culturais deste importante conceito na cultura ocidental contemporânea, facilitar a apreensão do seu peso efetivo na sociedade em que vivemos, tendencialmente niilista e ferida por uma quase generalizada – teórica ou prática – recusa de Deus, mas ao mesmo tempo desejosa de reencontrar um sentido, uma razão pela qual valha a pena viver. Como torna cristalinamente límpido o posfácio

deste volume, com a entrevista ao filósofo Costantino Esposito, o niilismo contemporâneo coincide com essa perda do sentido, mas emerge, nos dias de hoje, com a forma de uma inquietação que se revela como desejo de vida, necessidade premente, e, portanto, nova oportunidade.

Ora, é na experiência concreta, em particular na experiência da beleza, favorecida pela arte, que o sentido emerge com força persuasiva e pessoal. A santidade, nesta medida, coincide com a possibilidade de levar a sério a pergunta existencial, condição decisiva que possibilita a resposta leal e verdadeira à provocação do real, dentro do qual é encontrável uma Presença plena de significado, beleza, verdade e bem. O homem ou a mulher santos são, pois, testemunho de uma humanidade plenamente realizada, não «perfeita», mas sim totalmente determinada pelo diálogo com o Tu encontrável na própria experiência.

Tal experiência dialógica é verificável numa multiplicidade de situações e casos particulares, que os diversos ensaios, redigidos em português (de Portugal e do Brasil), inglês e espanhol, testemunham: nas personagens literárias – puramente ficcionais ou não – de obras narrativas de diferentes estilos e proveniências culturais, nas representações artísticas de figuras da história portuguesa, nas reflexões acerca da própria definição de pessoa, detectáveis em obras cinematográficas ou televisivas, na leitura simbólica que aborda o caso particular da santidade mariana encontrável no cinema, na forma como a escultura e a arquitectura podem tender à visualização e ao favorecimento da experiência da forma e do espaço como propícios à relação plena com o Mistério e ainda no caso particularíssimo dos ícones como presentificação do divino. O volume terminará com os ensaios que abordam casos de santidade canónica e mística. Assim, diversos tipos humanos emergem desta panóplia de perspectivas e exemplos variados: o visionário, o caridoso, o santo «*malgré soi*», o cruzado, o pobre de espírito, o puro, o místico... todos eles apontando para uma concepção de pessoa concreta, imperfeita e plenamente humana, em tensão para uma realização pessoal.

Partimos, assim, da **literatura**, com o ensaio de Joana Corrêa Monteiro, que aborda a visão particular de uma grande escritora americana, Flannery O'Connor, focando dois dos seus contos e alguns dos seus mais famosos textos de não ficção, conferências e cartas, avançando para o texto de Alberto Arruda e o caso do autor britânico Evelyn Waugh, em particular da sua famosa obra *Brideshead Revisited*, desenvolvendo-se aqui a ideia de que a santidade

pode manifestar-se através de uma forma constante de sofrimento e de passividade «positiva», capaz de agregar terceiros. A visão da santidade segundo a escritora Agustina Bessa-Luís, descrita por Suzie Marra, será tratada tomando como referência a figura de Santo António, em cujo texto ressalta a força de uma humanidade concreta, não abstractamente exaltada. O capítulo com base em análises literárias remete ainda para outros autores internacionais, primeiramente com o ensaio intitulado «Tempo, literatura e santidade na obra de Jorge Luís Borges» de Gerson Tenório dos Santos, e depois com o texto de Lucas Matteocci Lopes e Paulo César Carneiro Lopes sobre a figura do santo guerreiro, exemplificado numa novela de Guimarães Rosa, e, a fechar, uma abordagem das relações entre criação literária e santidade, a propósito da travessia existencial e da ascese poética do poeta brasileiro Paulo Leminski, na versão de Fábio Roberto Lucas.

As obras cinematográficas e os filmes televisivos encontram-se seguidamente referidos nos ensaios que analisam o reflexo da santidade na série televisiva *A Rainha e a Bastarda* (2022) – de Caterina Cucinotta e Jesús Ramé, que narra a história da Rainha Santa Isabel de Portugal – e a série televisiva de ficção científica *My Olivia* de J. J. Abrams, de Maria Pacheco de Amorim – onde o florescimento pessoal, sinal e consequência visível da santidade, coincide com uma conceção narrativa da própria pessoa, fundada na relação de amor; e ainda no ensaio cinematográfico realizado por Maria do Rosário Lupi Bello, que mostrará a santidade mariana encarnada na personagem Inger da obra-prima cinematográfica *Ordet* (1955), de Carl Th. Dreyer.

As artes plásticas estão representadas nos textos ensaísticos como o que se intitula «David ou o Afrontamento Humano», de Ricardo Roque Martins – que se propõe examinar a vida humana com o olhar de quem convictamente esculpe a mais bela obra de arte por incumbência divina – e o que aborda os «Lugares santos – sobre a arquitectura de IGREJAS», escrito por Pedro Marques de Abreu –, que investiga acerca da noção de «*espaço sagrado* para além das costumeiras discussões acerca dos templos e das igrejas», aos quais se seguirá o ensaio de Wilma Steagall de Tommaso sobre a «Santidade na antropologia da comunhão na arte do ícone da *Anastasis*».

A religião, de uma forma mais estrita e directa, será posta em discussão na abordagem de Andrei Venturini Martins, que se dedica ao esboço da vida de Santa Dulce dos Pobres – a qual, antes de ser canonizada pela Igreja Católica, já desfrutava do epíteto de santa no meio do povo brasileiro –, bem como

no texto de Leandro Bachega, que analisa o processo de canonização dos Santos no cristianismo, e ainda na reflexão que nos coloca em contacto com a experiência mística presente em passagens de algumas narrativas da *Mística Feminina Medieval Cristã* (sécs. XII-XIII), apresentada por Maria José Caldeira do Amaral.

Por fim, gostaríamos de sublinhar que a intenção dos textos ensaísticos apresentados neste volume, deliberadamente enquadráveis no âmbito da cultura de cunho judaico-cristão, que é foco deste grupo de investigação e do projecto que dele nasceu (CAR – Cultura-Artes-Religião), pretende alargar horizontes de pensamento pertinentes para o debate sobre a contemporaneidade, a partir do conhecimento do sentido religioso tal como se manifesta na literatura e nas artes e com base numa tradição que tem mais de dois mil anos e que continua a ser presença incontornável e fecunda no espaço da cultura ocidental. Ao leitor caberão as consequentes ilações e a eventual formulação sintética do conceito operativo que nos norteou. Boas leituras.

As coordenadoras,

Maria do Rosário Lupi Bello
Suzie Marra